

**A FEIRA DE LIVROS:
IMAGINÁRIO EM EDUARDO AGUALUSA E GASTON BACHELARD**

Gabriel Kafure da Rocha ¹

Lucas Barreto de Souza ²

RESUMO: Far-se-á uma aproximação entre os autores José Eduardo Agualusa e Gaston Bachelard através da crítica literária às ideias de devaneio. Nosso objetivo é fazer uma análise (parcial) do livro "O paraíso e outros infernos", do escritor angolano, sobre a visão dos encontros literários pelo mundo, aproximando a ideia do livro vivo, presente na obra do filósofo francês, e a analogia entre paraíso e biblioteca. Esperamos obter como resultado os elementos que compõe a troca e a comunicação do imaginário entre a literatura e a filosofia. Desse modo, subdividiremos o trabalho em três partes: 1 - Feira literária, 2 - A biblioteca e o paraíso; 3 Devaneio e ficção poética. Na primeira parte, analisaremos alguns contos de Agualusa nos quais ele fala de sua experiência em feiras literárias de diversos países como espaços de valorização e referência de seu trabalho e de outros; na segunda parte, faremos uma análise de Bachelard e a sua visão de paraíso como biblioteca, e nisso, a relação do ser humano com os livros, perder-se, encontrar-se, ser um livro vivo: a sua obra, inacabada, sempre dá espaço para a criação e apropriação da continuidade do pensamento; por fim, na terceira parte, iremos analisar a relação entre sonho e devaneio entre ambos os pensadores e da importância que essa atividade tem para a própria prática literária e filosófica.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, Literatura, Bibliotecas, Sonho, Devaneio.

*LE SALON DU LIVRE :
IMAGINAIRE DANS EDUARDO AGUALUSA ET GASTON BACHELARD*

RÉSUMÉ : Un rapprochement sera fait entre les auteurs José Eduardo Agualusa et Gaston Bachelard à travers la critique littéraire des idées de rêverie. Notre objectif est de faire une analyse (partielle) du livre "O paradise e outros infernos", de l'écrivain angolais, sur la vision des rencontres littéraires à travers le monde, en abordant l'idée du livre vivant, présent dans l'œuvre du philosophe français, et l'analogie entre paradis et bibliothèque. Nous espérons obtenir ainsi les éléments constitutifs de l'échange et de la communication de l'imaginaire entre littérature et philosophie. Ainsi, nous subdiviserons l'ouvrage en trois parties : 1 - Salon littéraire, 2 - La bibliothèque et le paradis ; 3 Rêverie et fiction poétique. Dans la première partie, nous analyserons quelques nouvelles d'Agualusa dans lesquelles il parle de son

¹ Doutor em Filosofia pela UFRN, Docente Permanente do PPGFIL-UECE, Coordenador e Docente Permanente do PROF-FILO IFSertãoPE.

² Doutorando em Antropologia pela UFRGS.

expérience dans les foires littéraires de différents pays comme espaces de valorisation et de référencement de son travail et d'autres ; dans une deuxième partie, nous ferons une analyse de Bachelard et de sa vision du paradis comme bibliothèque, et en cela, du rapport de l'être humain aux livres, se perdre, se retrouver, être un livre vivant : son œuvre, inachevée, elle laisse toujours place à la création et à l'appropriation de la continuité de la pensée ; enfin, dans une troisième partie, nous analyserons la relation entre rêve et rêverie entre les deux penseurs et l'importance que cette activité a pour la pratique littéraire et philosophique elle-même.

MOTS-CLÉS : Philosophie, Littérature, Bibliothèques, Rêve, Rêverie.

Considerações iniciais

"Somos um livro vivo, um livro que faz você querer não começar a ler, mas começar a escrever." (BACHELARD, 1965, p. 258).

Em 1960, Bachelard publicou a "Poética do devaneio" e, em 2017, Agualusa publicou "A Sociedade dos sonhadores involuntários". Entendemos que seja possível, a partir desses elementos, justificar a aproximação entre ambos os autores, uma vez que são elementos que nos permitem ter o escopo do imaginário do encontro proposto, por meio da ideia da feira de livros – a feira, na língua portuguesa, está presente na própria ideia do tempo como troca, os dias de trabalho notadamente nomeados como segunda, terça, quarta, quinta, sexta-feira, portanto indicativos de tempo invariavelmente sucedidos da palavra “feira”.

Que a nossa proposta de aproximação entre Agualusa e Bachelard, literatura e filosofia, seja conduzida de modo a dar primazia a como a literatura alimenta a filosofia (o exercício filosófico/ filosofar – neste caso, o pequeno ensaio a que nós mesmos nos propomos realizar), ainda que numa perspectiva anacrônica, já que Agualusa é um contemporâneo nosso que talvez nem tenha conhecido Bachelard. Notamos características semelhantes em ambos os autores, a exemplo de uma certa ruptura poética. Seria essa ruptura poética, ela própria, um devaneio em que escrevemos para dar continuidade à vida que se desperta em nós por meio de nossas leituras ao mesmo tempo em que é “matéria-prima”, ou “insumo” para nossas leituras e nossos escritos?

De que maneira a literatura provoca isso, a que gostaríamos de chamar de uma

ruptura por meio das imagens poéticas com a vida comum, e, conseqüentemente, de que modo, ao nos aproximarmos das imagens literárias para uma reflexão profunda sobre o sentido filosófico da vida, pode [a literatura], em nossa opinião, apresentar o núcleo imagético desta filosofia literária?

Para definirmos melhor o que é a literatura como ruptura constante do ser, diríamos, *a priori*, que se trata de uma cisão entre o passado de nosso ser e o ser do presente por meio das imagens por ela oferecidas. Então, interrogamos, junto à Bachelard, de que maneira uma filosofia da literatura, que em geral nada tem a ver com noções de base e conhecimentos gerados por um racionalismo ativo, e nem mesmo por uma teoria estética formulada a partir de determinadas categorias do belo, ao investigar a cadeia orgânica do tempo poético e da linguagem, acaba por revelar o ser imemorial do passado. Estamos inclinados a crer que tal quebra se dá junto à novidade trazida pelo instante de *vida invivível*³ pela poesia: uma vida apoiada não no passado que tivemos, mas no passado que poderíamos ter tido. Somente a poesia promove tal sonho. Também há na linguagem poética um desbloqueio do próprio ser a partir do instante psíquico essencial da imagem vivida em sua atualidade, em sua fantasia realizada.

Passaremos a uma análise dessa imaginação do encontro entre Agualusa e Bachelard, por meio justamente da feira literária, este espaço de trocas de saberes. Agualusa nos fornece uma possibilidade de análise dessa imagem especialmente no livro “O paraíso e outros infernos” mistura fragmentos de diários pessoais a crônicas publicadas na imprensa – no jornal brasileiro *O Globo* e no jornal eletrônico/ informativo virtual angolano Rede Angola. São diversos os temas abordados: política, religião, crítica social, cinema, literatura, amor, poesia, lusofonia, a vida pessoal e profissional do autor, dentre outros. A prosa é instigante e irreverente, os textos se “devoram” em pontos altos. Toda essa miscelânea vai nos levar no final a uma espécie de diário de devaneios e sonhos.³

³ Relembramos que este termo em Bachelard, indicado em sua obra *Lautréamont* (1940), ao analisar *Os cantos de Maldoror* do poeta I. Ducasse, arranca de algum modo a vida usual dos homens comuns de seu fluxo contínuo e a realoca em um domínio autenticamente poético-metafísico (que lhe é próprio e devido): domínio da *vida invivível*. O termo cunhado por Bachelard em seu estudo significa que em *Os cantos de Maldoror* o sentido da vida é “expressão de uma força psíquica” convertida em linguagem (BACHELARD, 1989, p.28). A *vida invivível* de Lautréamont é a vida inconscientemente evitada de ser vivida pelo senso comum, daí o uso

1 Feira Literária

“Acredito nas propriedades mágicas da
poesia”

José Eduardo Agualusa

Reservamos esse espaço da feira como uma alusão a todo encontro que tenha como intenção aproximar estudantes e professores em suas pesquisas. O que há de potencialmente tão importante nessa “feira” de trocas de ideias? O reconhecimento do outro parece-nos um princípio importante que nos leva também a reconhecer os caminhos pelos quais o alimento ou o conhecimento chega até nós, *sapere aude*: é, como bem sabemos, o sabor do saber.

Uma imagem clássica de um famoso escritor é a do ritual dos autógrafos – segundo Agualusa, essa é uma das poucas oportunidades de conversar realmente com seus leitores. Nesses momentos, muitas vezes aparecem jovens escritores pedindo indicações de publicação, ou então contando suas estórias extraordinárias que poderiam se tornar novos livros. Há também os leitores francos que podem dizer na sua cara como o seu livro não presta, contudo em um dos relatos de Agualusa, um dos leitores que mais o impressionou foi um mendigo. Nessa oportunidade ímpar de conhecer pessoalmente os leitores, segundo Agualusa, descobrimos os nossos próprios livros sob outras perspectivas – o que, nesse formato ou modalidade, é um privilégio entre os romancistas, que nem todos os filósofos tem, já que muitas vezes só são reconhecidos (pós-morten) após suas mortes.

Agualusa, como um militante da língua portuguesa, descreve as feiras literárias do nativo, sobre seu espaço. Isso representa um amadurecimento das literaturas e, conseqüentemente, da filosofia, que segue a sedimentar a sua identidade. Nesse aspecto, Agualusa critica também a imagem do realismo mágico permeando a leitura interpretativa dos seus trabalhos e de outros jovens escritores africanos e latino-americanos. Para ele,

deste termo por nós, em nosso texto. Ela é um contra-reflexo das ações passivas da vida vulgar e do afastamento fortuito da vida do espírito, sempre clara e consciente. A poesia dramatiza e orna esta vida invivível. Assim, a vida encontra-se no eixo do tempo vertical e não em um eixo horizontal, precisamente, por ser uma “vida ardente do efêmero” (BACHELARD, 1989, p.28).

parece ser mais importante a discussão do valor da literatura em relação a linguagem como lusofonia, e a riqueza cultural é encontrar a velha tribo da literatura viva reunida.

Imagem 1 – O ritual dos autógrafos.



O ritual dos autógrafos – trocas de ideias.

- ➔ Partilha de histórias. “Costumam ser histórias de família, com enredos complexos, envolvendo súbitas reviravoltas e descobertas de imprevistos laços de sangue, à maneira das telenovelas”. Também “episódios de guerra” e de “perseguição política”.
- ➔ Questionamentos/ perguntas. Para algumas das quais resposta pronta não há. Essas são as melhores, elas deixam a inquietação.
- ➔ Os elogios. A senhora benguelense e sua osga cantora. “O vendedor de passados”

narrado por uma osga risonha. Osga: *hemidactylus mabouia*.

- ➔ As personagens (críticas). O senhor angolano de Luanda: “Você todos, escritores angolanos, são uma bela merda” [...] “Todos uma merda! Todos! Desde o Antônio de Assis Júnior⁴⁴ que não aparece nada de interessante na literatura angolana”.
- ➔ Estranhezas e personagens. Acontecimentos sinistros.

2 A Biblioteca e o paraíso

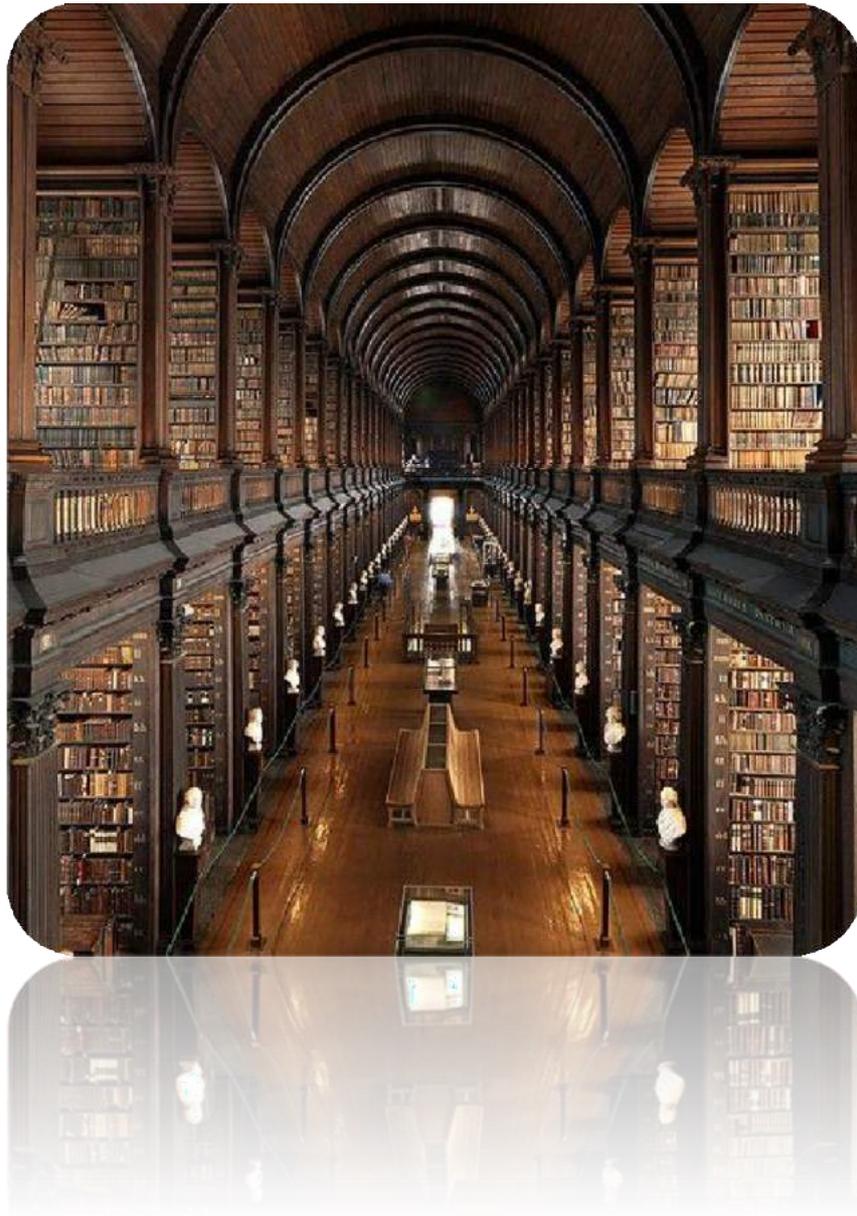
No Cap. 6 – “Guilherme, o vagabundo” habita o imaginário do surgimento da biblioteca: “Vagabundo sim, mas com uma biblioteca formidável. Porque, na minha ideia, um vagabundo com uma biblioteca formidável era ainda mais vagabundo. Era vagabundo enquanto lia”.

Postura contemplativa/ ativa: um leitor improvável, “numa das livrarias do Chiado, no histórico e cada vez mais vivo, coração de Lisboa. Quando não está ali a ler, é possível que se ache em algum passeio próximo, sentado à sombra, assistindo ao espetáculo da Humanidade em trânsito”. “Gosto de me sentir rodeado por livros. A presença de livros, de muitos livros, tem um poder calmante, como flutuar num oceano pacífico, olhando o céu, numa tarde de sol. Escrevo melhor em casa, na minha biblioteca”, afirma Aqualusa.

Segundo Bachelard, o livro então está entre essas duas instâncias, númeno e fenômeno, ou seja, pensamento e aquilo que é percebido, dando sentido à essência dessa relação que é o princípio de tudo que nasce do nada como um co-nascimento, ou melhor, conhecimento.

Um livro ativo, um livro ao mesmo tempo ousado e cauteloso, um livro em julgamento, um livro a que gostaríamos de dar uma nova edição, uma edição melhorada, reformulada, reorganizada. Se esquecermos o caráter da solidez sucessiva da cultura científica moderna, não mediremos sua ação psicológica. O filósofo fala de fenômenos e de númenos. Por que não daria sua atenção ao ser do livro, para o bibliômeno? (BACHELARD, 1980, p. 152)

Imagem 2 – The world's more beautiful libraries – Pinterest.



Considerado como um instrumento de indução psíquica, o livro, para Bachelard, tem uma relação sempre atual com os saberes produzidos pelas novas disciplinas científicas e sua relação profunda com os poetas e a poesia provam que é preciso conhecer em união para poder construir uma identidade ontológica diante do mundo. Ao penetrar em seu universo *bibliomenal* (termo criado por Quillet que simboliza o fenômeno do livro), torna-o extensível a seus leitores.

Para Bachelard, a biblioteca é então uma das imagens do paraíso. É comum

encontrarmos em sua obra passagens em que diz que sua higiene mental é ler uma poesia matinal, ou mesmo que seu desejo é de ler cada vez mais, de conseguir dar conta dos livros acumulados em sua mesa. Ao deus da leitura ele agradece por saciar sua fome pelo livro de cada dia.

A imagem da biblioteca como paraíso é central, visto que o paraíso de uns pode ser o inferno de outros, Agualusa repete em alguns relatos essa imagem, também se lembra de um conto que escreveu que dizia

No meu conto, o escritor fecha os olhos em Genebra e desperta entre bananeiras. Algures, perto dele, levita uma mulher nua. Borges, que não nutria o menor afeto por paisagens tropicais e nem tão pouco por belas mulheres levitantes, convence-se que despertou no Inferno. Ocorre-lhe então que talvez Deus o tenha confundido com García Márquez e que aquele seja o Paraíso do colombiano. Então alegre-se: sendo certo que o Paraíso de Márquez era agora o inferno dele, então o Paraíso dele haveria de ser certamente o Inferno do outro. Não há paraíso, afinal, que não seja também Inferno. (AGUALUSA, 2018, p. 237).

Ao defender que a imagem do paraíso é uma biblioteca, como um espaço dialogado, é preciso lembrar que esse diálogo envolve os livros e a imaginação. Assim, esse lugar solipsista de um diálogo imaginário é fundamental para a intuição e a criatividade. Agualusa mistura seu imaginário com os relatos de Borges e García Márquez; mais adiante ele relembra um conto de Márquez chamado “Me alquilo para sonhar”, contando uma história semelhante à do livro “A Sociedade dos sonhadores involuntários”, ou seja, a necessidade de sonhar profissionalmente e transformar isso em magia, técnica, literatura e filosofia (o que, de certo modo, nos faz lembrar Walter Benjamin).

3 Devaneio e Ficção Poética

“Gosto de pensar que sendo África o continente- mãe, o berço da Humanidade, persista no coração de cada africano um desejo de abraçar a Terra toda. Mais do que isso, a capacidade de perceber em cada homem a Humanidade inteira, exilada pelo

Mundo. Ou isso, ou eu sofro de um perigoso excesso de romantismo. É bem provável.”
José Eduardo Agualusa.

Agualusa conta um caso de uma feira literária onde três poetas eram apresentados por uma jornalista que monotonamente fazia todos na sala dormirem, inclusive um dos próprios poetas. Quando a apresentadora termina seu discurso ela faz uma pergunta ao poeta adormecido, mas o poeta sonha impassível, então ela grita no ouvido do poeta que quando acorda atordoado diz: “A essa pergunta eu não respondo!”. Agualusa se utiliza desse caso para exemplificar como o sono, os sonhos e os devaneios foram vistos com preconceito durante séculos e só agora começam a valorizar realmente o ofício onírico. É isso que Bachelard também diz, que essa é a essência da atividade do escritor.

Leia, sempre leia, paixão doce da alma. Mas quando, depois de ler tudo, nos damos a tarefa, com sonhos, para fazer um livro, é o animus que está lutando. É sempre um trabalho difícil escrever um livro e você está sempre tentado a sonhar com isso. (BACHELARD, 1968, p. 62).

Os devaneios provavelmente são elementos fundamentais que nos levaram a essa aproximação entre Agualusa e Bachelard, entre a literatura e a filosofia. Bachelard é o filósofo do devaneio, do sonhar acordado. No pensamento bachelardiano, a deformação da imagem literária é a característica do poeta. No entanto, vamos dar continuidade a essa reflexão pela obra de Agualusa “A sociedade dos sonhadores involuntários”.

O livro vive de algumas personagens principais, cada uma delas com uma forte ligação ao mundo dos sonhos: uma artista plástica radicada na Cidade do Cabo, que encena e fotografa os próprios sonhos, filmados pelo neurocientista brasileiro Hélio de Castro. A memória-imaginação faz-nos viver situações não fatuais, num existencialismo do poético que se livra dos acidentes, esta memória consiste na imagem clara, viva, de uma lembrança do passado. A tal artista, conheça ela ou não as ideias de Bachelard diretamente, de certo modo, coloca em prática ações previstas pelo filósofo. Encenar e fotografar sonhos próprios borra fronteiras entre o real e o imaginário, resgata memórias subconscientes e as mescla a ações conscientes, durante a vigília; produz devires. Do sonho para o ato para a imagem – a realidade distorcida, por meio da deformação do conceito-imagem, se pensarmos no sonho enquanto fundamento para o conceito (que é também imagem), nesta prática artística, e a

fotografia enquanto imagem resultante deste processo.

→SONHO (insumo para conceito-imagem)

→ATO (prática artística)

→IMAGEM (fotografia resultante do processo de reencenação do sonho)

Um jornalista angolano que sonha com pessoas que não conhece. Em “A poética do devaneio”, a infância tem uma importância fenomenológica própria, pura, pois nos devolve às virtudes dos devaneios primeiros. E esta fase da vida, a infância, é um estado de alma em que sonho e realidade se confundem. Seria possível esboçar, ou arriscar se construir uma explicação para o aparecimento de personagens desconhecidas em sonhos através de um “ressurgimento de pessoas” (quer dizer, das lembranças) encontradas na infância, que passariam a participar posteriormente de enredos imaginários enriquecidos pela memória-imaginação, que poderia envolvê-las em situações não-fatuais.

Isso tem bastante a ver com o processo de geometrização tal qual explicado por Bachelard em “A formação do espírito científico”, porém estamos considerando em nossa análise, em lugar de “leituras filosóficas”, conforme surgem no esquema de Bachelard, os sonhos.

Bachelard em “A formação do espírito científico” coloca o processo de geometrização como um estágio intermediário no seguinte esquema: 1) estado concreto; 2) concreto-abstrato; 3) estado abstrato; no qual os estados enunciados e enumerados correspondem a:

- 1) Primeiras imagens do fenômeno – leituras filosóficas [sonhos, em ocasião de nossa análise] – exaltação da natureza.
- 2) Acréscimo de esquemas geométricos.
- 3) No qual o espírito utiliza informações retiradas do espaço real, porém voluntariamente desligadas da experiência imediata de modo uniforme.

Primeira etapa, estado concreto do esquema de geometrização bachelardiano: paradoxalmente, a dimensão onírica estará relacionado ao estado concreto para vias de nossa argumentação - o sonho, sonhar; segunda etapa, concreto-abstrato: prática artística envolvendo sonho como alimento/ insumo para o conceito; terceira etapa, estado abstrato,

o resultado proveniente da prática: imagens fotográficas e o caráter onírico que elas também podem ter (por vezes, uma fotografia capta um instante tão imprevisível, que parece realmente ser um sonho, como quando captamos alguém em um salto e esse alguém parece estar flutuando; em casos de imagens borradas; ou, em via oposta, quando imagens fotográficas vistas ressurgem em meio aos sonhos, podendo mesclar-se a “enredos” desses sonhos).

Imagem 3 – Caboclo: transe ritual.



Obviamente voltamos àquele velho paradoxo: estamos acordados quando sonhamos ou sonhando quando acordados? Essa parece ser a atividade do escritor, note-se que alguns personagens desse livro [Sociedade dos sonhadores involuntários] são claramente manifestos e inspirados em personagens reais dos diários de Aqualusa. O neurocientista brasileiro (Hélio de Castro) justamente fala sobre a relação entre as drogas e a literatura, ou a filha do jornalista angolano foi uma das estudantes que fizeram uma revolução em Angola ao constituírem um grupo de estudos sobre livros revolucionários. Essa capacidade de deformar a realidade é nitidamente o ímpeto que Bachelard preconizou na sua filosofia noturna: é preciso deformar a realidade, as imagens e os conceitos, pois isso é gerar devires, é fazer o novo.

3 Considerações finais

“Passeamos pela Restinga. Belíssimas praias. Terminamos a tarde com um mergulho nas águas mornas da baía Azul.”⁴
Aqualusa – As Mulheres do meu pai

Ao focalizar a imagem literárias como espaço de encontro e de leitura mútua, como crítica ou como simplesmente alimento para o imaginário coletivo, vimos que a importância do reconhecimento mútuo, de incorporar o outro em sua prática filosófica é o exercício de um paraíso em que o inferno não seja os outros. Ler Aqualusa ou Bachelard é um portal para outros artistas, pensadores, escritores, é um portal para a sua casa natal, sua infância onírica.⁵ Quando Aqualusa, por exemplo, cita o escritor antropólogo Antônio Risério, nascido em Salvador, que publicou o livro “Que você é esse?”, título curioso que significa mais ou menos “que outros somos, estranhos aos próximos e a nós mesmos, que outros vivem, em legião, dentro de nós?”, em que o autor diz que não se identifica com nenhum dos personagens do seu livro, mas ao mesmo tempo é claro que o livro é uma fragmentação na voz antropológica desses outros que compõe o nosso eu.⁵

Assim pudemos então apresentar várias dessas passagens em que Bachelard propõe temas que seriam possíveis “livros inteiros” para nós mesmos escrevermos sobre tais temas variados apresentados, tanto na poética quanto na epistemologia.

Que as feiras e encontros literários sejam então motivações para que passemos a *cogitamos* de construir esse livro juntos, teorias e escolas que nos façam encontrar novas perspectivas. Façamos nossas entrevistas imaginárias conosco mesmos – ou com aqueles que imaginamos ser – ou com personagens imaginários, aqueles que imaginamos que os

⁴ Me chamou atenção o fato de que em *As mulheres do meu pai*, a cidade de Lobito evoca a minha própria infância morando na beira da praia da restinga, e passeando pelas baías. Recentemente em um evento na UFPI, numa espécie de feira literária, pude perceber como essas casas imaginárias atravessam não só continentes, como áreas, quando na Geografia Humanista há hoje o interesse pela ecofenomenologia com autores como Dylan Trigg em *Memory of place* “Em Bachelard a fé no poder do lugar é incomparável. Ao liberar a materialidade do inconsciente, o lugar vivido é apresentado como tendo uma unidade inerente própria. A implicação é impressionante: o tempo perde sua intimidade privilegiada com a memória, como lugar prova ser o absorvedor mais eficaz do nosso passado. De fato, para Bachelard, a retenção da memória não perde nada de sua vitalidade, justamente o poder de retenção do lugar. O tempo, por outro lado, é aquilo através do qual a memória está dispersa.” (TRIGG, 2012, p. 13)

outros sejam. Transformemos nossas traduções e transcrições livres em estudos críticos. Eleve a imaginação à máxima potência, e possamos pensar livremente, ensaística e academicamente; que essa criatividade torne-se em respostas às próprias perguntas que pensamos ser importantes a nós mesmos responder por meio do que conhecemos das obras do filósofo e do cronista/ romancista.

Referências Bibliográficas

AGUALUSA, José Eduardo. *A sociedade dos sonhadores involuntários*. São Paulo: Tusquets editores, 2017.

AGUALUSA, J. *As mulheres do meu pai*. Lisboa Publicações Dom Quixote, 2010.

AGUALUSA, J. *Sal e Esquecimento*. In:_. Catálogo de luzes (Os meus melhores contos). Rio de Janeiro: Griphus Editora, 2011.

AGUALUSA, J. *Maravilhosa apropriação cultural*. Jornal O Globo. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/maravilhosa-apropriacao-cultural-21185154> acesso em 04/05/2019.

AGUALUSA, J. *Paraíso e outros infernos*. Lisboa: Quezta Editores, 2018.

BACHELARD, Gaston. *L'activité rationaliste de la physique contemporaine*. Paris: Les Presses universitaires de France, 1965.

BACHELARD, G. *La poétique de la rêverie*. Paris: Les Presses universitaires de France, 4e édition, 1968.

BACHELARD, G. *Épistémologie*. Textes choisis par Dominique Lecourt. Paris: Les Presses universitaires de France, 3e édition, 1980.

BACHELARD, G. *Lautréamont*. Trad. Maria Isabel Braga. Lisboa: Litoral Edições, 1989.

TRIGG, Dylan. *The Memory of place*. Ohio: Ohio University Press, 2012.

Lista de imagens

Imagem 1 - O ritual dos autógrafos (autoria própria – Lucas Souza)

Imagem 2 - The world's more beautiful libraries – Pinterest

Imagem 3 - Caboclo : transe ritual (autoria própria – Lucas Souza)

